

**Formação em Educação Musical:
mulheres negras em presença na escola pública da infância**

Comunicação

GTE 14 – Formação Docente em Música

Dulcimarta Lemos Lino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
dulcimartalino@gmail.com

Matheus Camilio Viana
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
teus.viana@gmail.com

Resumo: A comunicação oral apresenta a pesquisa em andamento “*Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação*” que tem como objetivo garantir o acesso à formação continuada em educação musical de professoras da rede pública municipal de educação infantil. No cenário da educação musical, a metodologia fenomenológica encontra nas *conversas em roda*, estratégia investigativa de formação que potencializa o protagonismo docente à composição de percursos narrativos com a música de mulheres negras gaúchas no cotidiano escolar. Ao colocar a *música em estado de encontro* no contexto curricular, professoras experimentam tempos e espaços de formação continuada com mulheres negras para interpelar, sustentar e garantir o direito à música das africanidades brasileiras na escola pública. Feitura corporal que persegue o lúdico, o sensível, o singular e a intransponível dimensionalidade coletiva da música como experiência inalienável de performances do tempo espiralar. A pesquisa em curso apresenta resultados preliminares que se sedimentaram em registros nomeados *Cadernos de Bolso*, narrativas que ressoam a presença da música de mulheres negras no cotidiano escolar infantil. Neles pode-se observar política, epistemológica e eticamente o movimento de re(invenção) da docência em educação musical sob perspectivas “contracoloniais” (Santos, 2023) e “antirracistas” (Silva, 2011).

Palavras-chave: educação musical e formação de professoras; escola pública de educação infantil; educação musical contracolonial.

O tema se justifica porque dá audiência e (re)conhecimento tanto às mulheres negras protagonistas da cena musical gaúcha em suas práticas musicais criativas de re-existência quanto às professoras da escola pública da infância em seus fazeres pedagógico-musicais “antirracistas” (Silva, 2011) em educação. Ao tomar como foco investigativo a urgente

temática da música das africanidades brasileiras, a pesquisa contribui com a reivindicação do *Coletivo Mwanamuziki* (2021) formado por pessoas negras pesquisadoras em música com o objetivo de atuar no combate aos racismos sonoro e musical instituídos nos cursos de música, no Brasil. A pesquisa sustenta e fortalece o campo transversal de estudos da Música Negra Brasileira, afrodiaspórica e africana nos cursos de formação continuada em educação, investindo no desenvolvimento de um quadro teórico, epistemológico e musical para o avanço de uma educação musical antirracista nas infâncias, desde a pedagogia.

Compreende que a música afro-brasileira é território de resistência quando faz ressoar consigo as crenças, os valores e as narrativas criadas entre as relações de poder e partilha de povos expropriados: colonizados (indígenas), escravizados (africanos) ou subalternizados (ibéricos), que a originaram, sendo capaz de preservar, sustentar e fortalecer nossa identidade cultural (Nóbrega, 2020). Enquanto manifestação cultural, a música é sempre nomeada como direito no cotidiano escolar, porém a presente investigação que atende 397 crianças com oficinas de música semanais dentro da escola pública da infância evidencia que, naquele território educativo específico, a presença da música de mulheres negras é inexistente. Mesmo com os postulados da Constituição Federal (Brasil, 1988, p.23) que, em seu artigo 215 determina que cabe ao Estado garantir “o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional” (ibidem); ou da Lei 10.639/03 (Brasil, 2003) que estabeleceu há mais de 20 anos a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira na educação pública e privada; ou da Lei 11769/08 (Brasil, 2008) que torna a música conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica; entre tantas outras resoluções, mandatos, guias curriculares nossa intenção é constituir uma voz contra o racismo sonoro e musical instituído dentro da escola pública da infância investigada.

Mesmo que importantes espaços de enfrentamento e reflexão crítica emergjam nas políticas educacionais e nas ações investigativas, nossos cursos de música (Queiroz, 2023) e pedagogia (Lino, 2020) ainda ressoam “o racismo estrutural, institucional e individual (Almeida, 2019) e a ausência de epistemologias, metodologias e visões de mundo produzidas pelas populações negras” (Coletivo Mwanamuziki, 2021, p. 4). O “Manifesto das pessoas negras contra o racismo nos cursos de música” (ibidem) é posicionamento público que declarou as diversas formas de racismo vigentes, e vem reunindo inúmeros investigadores e lideranças antirracistas da área. Construído pelo *Coletivo Mwanamuziki* formado por pessoas negras pesquisadoras em música, o movimento tem convocado a universidade a repensar uma

educação musical para as relações étnico-raciais na Educação Básica (Coletivo Mwanamuziki, 2021). O *Coletivo Mwanamuziki* descreve posturas perversas, que atravessaram o colonialismo e que se sustentam na colonialidade, as quais continuam mantendo as pessoas negras em condição de desvantagem em relação às pessoas brancas e não negras na área musical (ibidem).

Ao compreender que a música de mulheres negras gaúchas é parte confluyente das manifestações culturais dos povos *afro-pindorâmicos*¹ a investigação “Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação” habita a rede pública municipal de educação infantil com o objetivo de garantir o acesso à formação continuada em educação musical de professoras, acadêmicos² pesquisadores e crianças envolvidas no estudo. Direito sustentadopedagogicamente no viés “contracolonial e afro-pindorâmico” (Santos, 2023) que escuta o processo organizativo da coletividade em cooperação e articula experiências musicais fundamentadas em princípios comunitários ancestrais e contemporâneos de (re) conhecimento da música de mulheres negras gaúchas.

Em uma educação musical estruturada pela colonialidade (Nascimento, 2009; Silva, 2010) e pelo adultocentrismo³ (Cunha, 2023), como a brasileira, a pesquisa aposta na convivência em performance com a música de mulheres negras gaúchas dentro da formação continuada de professoras, com objetivo de descentralizar o pensamento branco-europeu por meio de práticas musicais contra-hegemônicas. Tem como objetivo oferecer a aproximação com africanidades brasileiras de mulheres negras gaúchas que afirmem a presença da música como experiência lúdica ancestral, bem como, torne audíveis os “valores civilizatórios afro-brasileiros” (Trindade, 2005) de suas musicalidades.

O projeto define africanidades brasileiras na voz da griotte gaúcha Petronilha Beatriz Gonçalves Silva:

¹ Santos (2023, p.108) define povos “afro-pindorâmicos como os povos politeístas, negros, indígenas, pagões e policultores”.

² Acadêmicos: estudantes de mestrado e doutorado em educação e alunos de graduação no curso de Pedagogia, Música, Teatro e Artes Plásticas que fazem parte do Grupo de Pesquisa Escuta Poética e do Programa de Extensão PIÁ, que realiza concertos e oficinas musicais em territórios educativos. Para saber mais: Youtube Escuta Poética; @escutapoetica; <https://tratore ffm.to/grupopiabr24>; @grupopiaoficial.

³ “Entende-se o adultocentrismo como uma estrutura presente na relação entre adultos e crianças, condicionando as crianças apenas num vir a ser, sobressaindo nesta relação o poder e os interesses dos adultos e da sociedade através da adaptação dos corpos e mentes infantis” (Abramowicz et al., 2006).

[...] ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana, isto é, o modo de ser, viver, de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros, e de outro lado, as marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (Silva, 2011, p. 92).

Na perspectiva das africanidades brasileiras, educar-se é aprender a conduzir a construção da própria vida, em que o valor desta só toma sentido no seio de sua comunidade (Silva, 2011, p. 150). Ao fazer circular o pensamento negro na sociedade, as africanidades brasileiras se revelam, se *re-criam* e se expandem “nas interações entre as pessoas e o ambiente em que elas vivem e entre distintos grupos sociais” (Silva, 2005, p. 84).

Apesar de ser uma manifestação cultural de todos os povos em todos os tempos e um direito humano inalienável, a música de mulheres negras gaúchas nem sempre encontra formação continuada em educação musical na escola pública da infância. Nesse espectro, a comunicação tematiza as repercussões afirmadas pelas professoras-pedagogas da escola pública de educação infantil, a partir da convivência com essas artistas durante a formação continuada semanal da investigação. Importante destacar que essas professoras-pedagogas, ao assumirem a música como direito curricular instituído, compreendem sua responsabilidade e movimentam uma rede poética de parceiros para garantir o acesso à música de mulheres negras gaúchas no cotidiano infantil, sustentadas pela rede investigativa em curso.

A pesquisa visa potencializar o protagonismo de professoras à composição e interpelação de percursos narrativos com música(s) afro-brasileira (s) na(s) escola(s) pública da infância. Ação investigativa que se vale de conversas musicais presenciais com materialidades sonoras e musicais onde tocamos em roda para saber; nos contrapondo a lógica cumulativa linear e progressiva que tem como fundamento os estágios cognitivo-musicais adultos, promulgados pelas “epistemologias do conhecimento em trânsito”⁴ (Kohan, 2004). Nesse contexto, as crianças e as professoras não são um vir a ser previsível e a aprendizagem musical não se dá em fases da conduta sonora, nem nos modos evolutivos da espiral do desenvolvimento musical, tampouco nas cinco fases do desenvolvimento artístico e das competências musicais que ainda concebem a música como ferramenta disciplinar,

⁴ Kohan (2004) define pedagogias em trânsito como campo amplo da diversidade de epistemologias propostas às crianças ou às infâncias tematizadas pelo caminho prescritivo de ações desenvolvimentistas para alcance e/ou apropriação de conteúdos ou conhecimentos definidos a priori.

fixadora de conteúdo, procedimentos e/ou mesmo como canal prioritário à expressão e descarregar emoções (Lino, 2008).

Dentro da metodologia fenomenológica, a pesquisa encontra na conversa estratégia investigativa porque compreende que somente é possível aprender por meio da conversação, Entende a conversa como “um modo legítimo de investigação, de relação, porque implica uma forma especial de prestar atenção, de inquietar-se e indagar-se a partir da experiência, da vivência, das falas do outro” (Skliar, 2011, p.18). Conversar para *com-viver*, essa “palavra-corpo que se desloca entre a incomodidade e a distensão, entre a procura e a desatenção, entre a respiração e a asfixia” (ibidem). Em roda, na roda, com a roda tocamos as professoras-pedagogas habitam distintos tempos de “conversações em criação” organizados na pesquisa para combater ética, epistemológica e musicalmente o racismo sonoro e musical.

Cedidas pela Secretaria Municipal de Educação à investigação em tempo integral semanal (30hs)⁵ as professoras-pesquisadoras (3) participantes do estudo atuam na educação infantil e experimentam, semanalmente, formação coletiva (3h) e individual (1h) em educação musical com a coordenadora do projeto; com acadêmicos (graduandos e mestrandos) e, com musicistas. Na formação, elas se desafiam a participar de convivências criativas com mulheres negras gaúchas para: a) se exercitar nos processos de escuta e criação musical antirracistas e contracoloniais; b) se apropriar da dimensão política, epistemológica e ética da(s) música(s) de mulheres negras gaúchas; c) se arriscar a planejar e avaliar percursos narrativos com africanidades brasileiras no cotidiano escolar; d) propor e produzir subsídios teóricos-metodológicos pertinentes ao envolvimento de projetos-processos coletivos com música(s) na escola pública da infância.

A pesquisa encontra-se em fase final de desenvolvimento, porém podemos constatar que, ao disponibilizar uma formação continuada semanal em educação musical com as professoras da escola pública da infância, a pesquisa aproxima música e pedagogia para combater o embranquecimento cultural e a desculturação (Fanon, 1969). Tal reflexão é articulada a partir da argumentação teórico-metodológica conquistada nos encontros de convivência continuada com mulheres negras gaúchas que se arriscam a deslocar e inventar modos contracoloniais para compartilhar a música com crianças onde os “valores civilizatórios

⁵ As professoras-pesquisadoras dedicam 20h semanais para ministrar aulas de música às 397 crianças da escola e 10h para formação continuada em educação musical.

afro-brasileiros” (Trindade, 2005) oferecem arcabouço teórico metodológico no contato presencial ao destacar a musicalidade, a circularidade, a corporeidade, a ludicidade, a afetividade, a força vital, a oralidade, a memória, a espiritualidade e a religiosidade em suas ações em contraponto à narrativas escravagistas.

Importante destacar que os resultados prévios surgem no exercício contínuo de *conversações em criação* no qual as professoras potencializam o entendimento da escuta contracolonial, de modos de tocar o mundo antirracistas e experimentar com as mulheres negras gaúchas e as crianças fazeres musicais “ziguezaguantes” que incorporam africanidades brasileiras no currículo escolar das infâncias e no cotidiano escolar. Isso passa a ocorrer, apesar da fragilidade da argumentação pedagógica e musical da instituição investigada que insiste em navegar entre formações e performances musicais sempre “novas” e descartáveis, pouco integradas aos propósitos da escola pública antirracista e contracolonial. Marcas de uma escolha em educação na sociedade contemporânea, a “barbárie” (Charlot, 2020) que persegue, apaga, exclui e silencia a diferença.

Ao colocar a *música em estado de encontro* no currículo da escola pública da infância, as professoras-pedagogas ressoam a experiência lúdica, alegre, singular, complexa e possível adquirida na convivência com mulheres negras musicistas gaúchas nos tempos da pesquisa. Assim, constituem intimidade, cuidado, respeito e compreensão das feitura corporais que perseguem, enlaçam e inventam o lúdico, o sensível e a intransponível dimensionalidade comunitária da música inventada e produzida por essas artistas ainda pouco reconhecidas no cenário gaúcho. Momento em que, junto dessas artistas as professoras-pedagogas aceitam o convite de interagirem com outros territórios negros da cidade. Assim, trocam saberes e conhecimentos com mulheres negras que articulam fazeres musicais afro-gaúchos com crianças dentro do Afro-Sul (instituição cultural independente que funciona como movimento de divulgação da cultura negra gaúcha; participam de saraus musicais fora do contexto escolar junto de mulheres negras gaúchas contribuindo na organização e performance de espetáculos musicais para as crianças na escola; participam de lives, seminários e jornadas com a temática das africanidades brasileiras para se lançarem à sensibilidade de brincar com materialidades sonoras e musicais antirracistas e ainda, organizar narrativas musicais às crianças.

A partir do vivido, sedimentam-se registros nomeados pelas professoras como

*Cadernos de Bolso*⁶ narrativas musicais afro-gaúchas reflexivas que levam em consideração o direito à música de mulheres negras na escola pública da infância e à potente escuta de seus repertórios, ainda pouco audíveis no cotidiano escolar. Uma vez que a pesquisa está em curso, os resultados são preliminares, mas demarcam a potência de um grupo de professoras em estudo continuado e o compromisso com a música das mulheres negras na escola. Registros que afirmam política, epistemológica e eticamente a formação continuada em educação musical como movimento de re(invenção) da docência para as infâncias, possível a partir da convivência antirracista e contracolonial que sustenta, escuta e movimenta a prática docente.

⁶ Disponibilizamos aqui alguns de nossos **Cadernos de Bolso (Ano I)** PROJETO BARULHAR, realizado pela professora Paula C. Emcke,

https://drive.google.com/file/d/1KFAXuNgv8eWrRqG46kira_XKkqQCFimz/view?usp=sharing

Cadernos de Bolso (Ano II) MUKANDA PIÁ, realizado pela professora Milene S. Compagnon,

https://drive.google.com/file/d/1OSs9q4rm6YJkaGGzXLFz4-B695bP_qIV/view

Referências

ABRAMOWICZ, A.; SILVERIO, V; OLIVEIRA, F; TEBET, G. *Trabalhando a diferença na Educação Infantil*. São Paulo: Moderna, 2006.

ALMEIDA, S. L. Republicanismo e questão racial. In: SCHWARCZ, L. M.; STARLING, H. M. (Org.). *Dicionário da república: 51 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 20 maio 2024.

BRASIL, *Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996... para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>. Acesso em: 5 maio 2009.

BRASIL. Presidência da República. *Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. BSB, DF, 2003.

CHARLOT, Bernard. *Educação ou barbárie?: uma escolha para a sociedade contemporânea*. São Paulo: Cortez Editora, 2020.

COLETIVO MWANAMUZIKI. *Manifesto das pessoas negras contra o racismo nos cursos de música*. 2021. Disponível em: <https://www.coletivomwanamuziki.com/post/manifesto-daspessoas-negras-contra-o-racismo-nos-cursos-de-m%C3%BAsica>. Acesso em: 02 de julho de 2023.

CUNHA, Sandra Mara. Crianças fazendo música: ampliar escutas docentes com a Sociologia da Infância. In: BEINEKE, Viviane (Org.) *Educação Musical: diálogos insurgentes*. Editora Hucitec: Florianópolis, 2023.

FANON, Frantz. *Em defesa da revolução africana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1969.

KOHAN, Walter O. (Org.) *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar: a escuta sensível da música nas culturas da infância*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. 395f.

LINO, Dulcimarta Lemos. *A educação musical na formação de professores dos cursos de Graduação em Pedagogia gaúchos: escuta e criação na experiência de barulhar*. Pesquisa Concluída. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2020.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Música(s) na(s) escola(s): conversações em criação*. Projeto de Pesquisa/Plataforma Brasil. FAGED/UFRGS, 2022.

NASCIMENTO, Abdias do. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Ed. Negro Edições, 2009.

NÓBREGA, Antônio. *Brincante em Casa*: palestra com Antônio Nóbrega. Vídeo youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lz2ZqA9qvGI> 2020. Acesso em: 2 jul. 2021.

QUEIROZ, Luís Ricardo Silva. Currículos criativos e inovadores em música: proposições decoloniais. In: BEINEKE, Viviane (Org.). *Educação musical: diálogos insurgentes*. São Paulo: Hucitec, 2023 (Coleção Músicas em Diálogo, v.3), p. 191-241.

SANTOS, Antônio Bispo dos Santos [2015]. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento, 2023.

SILVA, P. B. G. Pesquisa e luta por reconhecimento e cidadania. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). *Afirmando diferenças: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola*. Campinas: Papirus, 2005.

SILVA, P. B. G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, L.M. A.; SILVA, P. B. G.; SILVÉRIO, V. R. (Org.). *De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

SILVA, P. B. G. *Entre Brasil e África: construindo conhecimentos e militância*. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

SKLIAR, Carlos. *A escuta da diferença*. Porto Alegre: Mediação, 2011.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação. MEC-Valores afro-brasileiros na Educação. *Boletim*, v. 22, 2005.